

LAORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGIÂNCIA EM SAÚDE  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Viviane Santiago Aleixo

Mercantilização da fé:  
Uma análise do neopentecostalismo no Brasil.

Rio de Janeiro

2014

Viviane Santiago Aleixo

Mercantilização da fé:

Uma análise do neopentecostalismo no Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em saúde.

Orientador: Alfredo César Tavares de Oliveira

Rio de Janeiro  
2014

Viviane Santiago Aleixo

Mercantilização da fé:

Uma análise do neopentecostalismo no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível Médio em Saúde com Habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: Alfredo Cesar Tavares de Oliveira

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

(Alfredo Cesar Tavares de Oliveira – FIOCRUZ/EPSJV/LATEC)

---

(Elidene Menezes Pereira – FIOCRUZ/ EPSJV/LAVSA)

---

(Gladys Miyashiro Miyashiro – FIOCRUZ/EPSJV/LAVSA)

Rio de Janeiro

2014

*Dedico este trabalho a todos  
que dele puderem fazer bom proveito.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu pai, pela proteção, incentivo, e sobretudo por ser meu maior exemplo de dignidade humana.

A minha família, por todo o cuidado parental.

Aos meus amigos, especialmente os da politécnica, pelo amor, carinho, pelos infinitos momentos de alegria e pela força nos momentos de esmorecimento. A eles um agradecimento especial por terem transformado essa caminhada, por vezes árdua e pedante, em momentos leves, especiais e eternos. Sem dúvidas, eles são a melhor das minhas lembranças.

Ao meu orientador, Alfredo Cesar, pelo apoio, ajuda e o privilégio de desfrutar um pouco de sua incrível intelectualidade.

Ao meu co-orientador, professor e um dos meus maiores amigos, Alexander de Carvalho, pelo imensurável apoio e auxílio e, principalmente, pelos seus ensinamentos que transcendem o conteúdo escolar, te formam para a vida e te transformam em um ser humano melhor.

A minha prima, Suellen Paim, por toda uma vida de amizade, fontes inesgotáveis de carinho e proteção, pela troca de vivências e conhecimento, e pelas mais incríveis experiências. Mas principalmente por nunca me deixar faltar, nem por um dia, o que ainda me mantém viva: o amor.

Ao Cnpq, pelo apoio financeiro.

A ideologia a qual eu acredito, pela qual eu luto, e pela qual eu ainda tenho fé e esperança na transformação de uma sociedade justa e melhor para todos.



*“A religião é o suspiro da criatura oprimida,  
o sentimento de um mundo sem coração,  
alma de condições desalmadas,  
o espírito de um estado de coisas carentes de espírito.  
A religião é o ópio do povo.”  
(Karl Marx).*

## RESUMO

O neopentecostalismo, vertente mais atual e liberal do pentecostalismo, tem ganhado um grande espaço na atual sociedade brasileira, assim como em boa parte do mundo, já que sua proposta evangelizadora sugere justamente um alcance abrangente e uma suma conversão de adeptos. Sua área de atuação não tem se restringindo somente ao campo religioso, mas adentrado e influenciado as esferas políticas, sociais e culturais. Suas características a diferem em muitos pontos do pentecostalismo clássico, e muito se tem estudado sobre a sua ação e ingerência social. Com sua configuração mais flexível e menos ascética, as igrejas neopentecostais têm conquistado muitos seguidores, se expandido em larga escala através da construção de, desde pequenas igrejas, até megatemplos e núcleos de ‘missões’. Além do crescimento físico, o apoio “missionário” ingessado pelos próprios membros que se comprometem a propagar os preceitos de Deus, tem ajudado a disseminar a doutrina neopentecostal e a conquistar fiéis, principalmente, os mais desamparados. A mídia também tem se tornado uma forte aliada nesse crescimento, possibilitando o alcance rápido das massas e uma melhor difusão dos ideais religiosos. Outro ponto a se relevar é a transformação da igreja em empresa, muitas com fins lucrativos. A venda de produtos religiosos em sites, lojas ou dentro das próprias igrejas, tem movimentado um grande fluxo de capital e gerado lucros para os que detêm, primordialmente, o poder e a liderança das principais denominações religiosas. Este trabalho tem como objetivo observar o modo como atuam as igrejas neopentecostais brasileiras, a enorme pluralidade religiosa a que estão submetidas e por fim à mercantilização da fé na atual sociedade. Também é visado identificar estratégias utilizadas por instituições de cunho religioso para atrair fiéis.

Palavras-chave: comercialização da fé, neopentecostalismo, mágico-religioso, fé.

## LISTA DE SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
ISER	Instituto de Estudos da Religião
UNB	Universidade de Brasília
FPE	Frente Parlamentar Evangélica
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PR	Partido da Republica
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PSDC	Partido Social Democrata Cristão
PCN	Partido Cristão Nacional
PPC	Partido Progressista Cristão
PEN	Partido Ecológico Nacional
PROS	Partido da Republica e Ordem Social
CNPJ	Cadastro nacional de pessoas físicas

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 – CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 – Primeira e segunda ondas pentecostais.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 – Neopentecostalismo.....</b>	<b>15</b>
<b>3 – ATUAÇÃO E TEOLOGIA DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 – Principais características do neopentecostalismo e sua respectiva teologia.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 – Neopentecostalismo e cultura, política.....</b>	<b>20</b>
<b>4 – TIPOLOGIA EMPRESARIAL DO NEOPENTECOSTALISMO.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1 – Principais características mercadológicas.....</b>	<b>25</b>
<b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>29</b>



## 1 – INTRODUÇÃO

A Religião atualmente, assim como em praticamente todas as sociedades existentes até hoje tiveram influência sobre a forma de vida e o pensar das pessoas, e no geral, na sociedade em si e em sua conjuntura. Discutir, portanto, seu papel, assim como seus reais objetivos e principalmente suas consequências se faz necessário para entender como algumas religiões, mesmo em países laicistas como o Brasil, interferem em questões políticas e econômicas, e como essa interferência contribui para a quebra da laicidade do Estado definidas com a separação da igreja-Estado.

A mercantilização da fé surgiu em meio ao domínio das religiões nas principais formas de governo do mundo. Vários críticos desta prática de usar da fé religiosa em proveito próprio determinaram grandes movimentos ideológicos, como o Protestantismo e o Laicismo. Os Laicistas pediam a formação de Estados secularizados, isto é, a retirada total da Igreja do poder político-econômico, para assim garantir a completa liberdade religiosa.

No Brasil, a separação se deu entre Estado e a Igreja Católica no fim do século do XIX, com o fim do Império e o surgimento da República, com o objetivo de se dismantelar imposições conferidas pela igreja católica que obtinha o monopólio religioso. Nesta época, ela detinha vários privilégios e, com o fim do domínio do clero no governo brasileiro, foi dada ao povo liberdade para professar qualquer religião que desejasse, e também a liberdade de fazer quaisquer ritos ligados às crenças, presumindo a garantia legal da liberdade e tolerância religiosa e o pluralismo religioso. Essa ampla liberdade religiosa possibilitou o ingresso de novas igrejas e denominações, que foram conquistando os mais diversos espaços na sociedade, ganhando legitimação e se consolidando como instituição. A partir disso várias denominações religiosas apareceram pelo país com diferentes princípios e dogmas, tornando o espaço religioso competitivo. Com isso a oferta de produtos e serviços relativos à fé, se tornou uma verdadeira arma promissora.

O pentecostalismo se divide em três “ondas”, com algumas características que se diferem uma das outras, e que se faz presente no Brasil há quase um século. A primeira onda pentecostal se iniciou no século XX trazida pelos norte americanos, e se caracterizava pelo forte comportamento disciplinar, autoritário e ortodoxo. Sua principal forma de conversão era a evangelização pessoal, o que fez vários templos religiosos serem construídos ao longo do território brasileiro.

A segunda onda surgiu a partir da década de 50, também com missionários vindos dos Estados Unidos. Seu foco principal estava na cura divina, o que ocasionou uma explosão e

disseminação rápida dos seus preceitos religiosos. Além disso, eles utilizavam meios de comunicação em massa e conversão em lugares com grande público, que auxiliavam nessa rápida difusão. Esse pentecostalismo pouco se difere do pentecostalismo clássico, e foi fundamental para uma maior propagação pentecostal, através da maior visibilidade que tiveram, principalmente por conta de sua flexibilidade doutrinária em relação aos pentecostais.

O neopentecostalismo, vertente pentecostal mais visível atualmente, surgiu nos anos 70, por meio de pastores brasileiros. Sua ênfase teológica é dada principalmente na guerra espiritual contra o diabo e na teologia da prosperidade. Caracteriza-se por cânticos de louvor, batismo com o espírito santo, sessões de cura e libertação. Contam com a ajuda de vários meio de comunicação em massa, como rádio, TV, jornais e revistas, e utilizam de diversas estratégias midiáticas. Hoje, é possível ouvir pregações no rádio e assistir cultos pela televisão, seja no território nacional ou no exterior.

Sua influência está em vários âmbitos sociais. Na política, por exemplo, mesmo em um país declarado constitucionalmente laicista, os evangélicos possuem uma bancada específica, que defende a moral tradicional cristã e seus preceitos.

A religião também se faz presente na cultura, uma lei sancionada em 2012, reconhece a música gospel como manifestação cultural. Ritmos musicais, que não se iniciaram na igreja e que eram considerados “mundanos”, foram absorvidos e transformados em louvores. Atualmente, é possível se ouvir funk, pagode, sertanejo, entre outros ritmos, como profecia de crenças evangélicas. Isso contribui para uma maior conversão, pois essa adaptação á necessidades pessoais atraem pessoas e faz com que dogmas, antes, extremamente rígidos, sejam modificados e flexíveis.

Os cultos são diários, e serviços mágico religiosos são muito utilizados, como o “banho de ervas” e o “óleo ungido”. Testemunho de milagres dos fiéis parece legitimar a eficiência de se viver uma vida para Deus. Além disso, os cultos são alegres e provocam entusiasmo, e o diálogo entre pastores fiéis, são constantes.

Os objetivos específicos desse trabalho consistem em compreender os aspectos socioeconômicos populacional de onde se localizam majoritariamente as igrejas neopentecostais, identificando suas fragilidades e sua susceptibilidade, identificar e avaliar o uso de estratégias de marketing, serviços mágico-religiosos e métodos de arrecadação inseridos na dinâmica da igreja e analisar a adoção de modelos de gestão de cunho empresarial.

## I CONTEXTO HISTÓRICO

### 2.1- Primeira e segunda ondas pentecostais

Desde seu surgimento, o cristianismo cresceu exponencialmente por todo o mundo. Sua primeira configuração se deu por meio da Igreja Católica, considerada herdeira dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, e que teve seus primeiros alicerces lançados no concílio de Jerusalém.

Em algum momento, em torno de meados do primeiro século d. C., e muito provavelmente no ano 49, Paulo de Tarso saiu de Antióquia e rumou para Jerusalém, ao sul, onde encontrou os seguidores sobreviventes de Jesus de Nazaré, crucificado cerca de dezesseis anos antes. Essa Conferência Apostólica, ou Concílio de Jerusalém, foi o primeiro ato político na história do cristianismo e o ponto inicial a partir de que podemos procurar reconstruir a natureza da doutrina de Jesus, bem como as origens da religião e da igreja que ele trouxe à luz. (JOHNSON, 2001, p. 11)

A instituição religiosa que começou a se formar pretendia ser universal, por isso se chamou católica, pois esta palavra vem do grego *katholikós* que significa precisamente universal. Com seu fortalecimento no decorrer do tempo, ela passou a ser a única instituição habilitada a propagar os ensinamentos de Jesus. No entanto, sempre houve discussões e discordâncias em seu seio quanto à doutrina e, justamente, “certas diferenças entre as Igrejas do Ocidente e do Oriente começam a ganhar contornos precisos ao longo do século IV”. (ELIADE, 2011, p. 61) Estas diferenças acabaram levando, no século XI, ao que passou a ser conhecido como o *Cisma Ocidente-Oriente*. A partir daí o mundo cristão cindiu-se em dois grandes blocos, a Igreja do Oriente ou Ortodoxa e a Igreja Católica Romana.<sup>1</sup> As disputas e discordâncias continuaram no mundo cristão ocidental. Ela, porém, só culminaram em um rompimento no século XVI. Desta vez, em contraposição ao Cisma, ela ocorreu no âmago da Igreja Católica e no ocidente. Seu ponto alto se deu em “31 de outubro de 1517; nesse dia Matinho Lutero afixa à porta da igreja do castelo de Wittenberg suas 95 teses contra as indulgências, atacando os desvios doutrinários e culturais da Igreja”. (ELIADE, 2011, p. 225)

---

<sup>1</sup> Cf. Eliade, 2011, pp. 61 e sqs.

O movimento iniciado com Lutero passou a ter o nome de Reforma Protestante. Sendo alemão, sua influência não se restringiu a seu país, mas se estendeu por toda Europa. Temos na Suíça o reformador Zwingli e Calvino. Embora este último seja francês, ele fixou residência em Genebra, Suíça<sup>2</sup>.

A Reforma Protestante causou um grande mal estar na Igreja de Roma e a necessidade de contraposição, de reação. A Igreja Romana lançou a Contra Reforma que foi um movimento reacionário da Igreja em dois sentidos: uma reação à investida protestante e um acirramento da postura dogmática levando à total intransigência com outras formas religiosas possíveis. Como exemplo, podemos citar a retomada do Tribunal do Santo Ofício, mais conhecido como Tribunal da Inquisição<sup>3</sup>. Todos os esforços da Igreja Romana, entretanto, não impediram o crescimento do Protestantismo na Europa nem sua expansão posterior ao Novo Mundo.

O cristianismo estava definitivamente dividido em duas grandes vertentes: o catolicismo e o protestantismo. Este último, por sua vez, dividiu-se em várias denominações. Uma delas é o pentecostalismo clássico ou primeira onda pentecostal que surgiu no século XIX na Inglaterra. Baseado no metodismo Wesleyano<sup>4</sup> e movimento *holiness*<sup>5</sup>. O pentecostalismo inicial se caracterizou pela proeminência das dádivas do Espírito Santo, dos quais se destacam o falar em línguas espirituais (glossolalia religiosa) e a crença de que esse Espírito através de Jesus Cristo era capaz de curar enfermos, expulsar demônios e realizar os mais diversos milagres e bênçãos na vida daqueles que realmente obtivessem confiança.

No Brasil o pentecostalismo chegou por intermédio de missionários estadunidenses, que, ao proferirem suas crenças e conquistarem seguidores e fiéis, fundaram em 1910 e 1911 as primeiras igrejas pentecostais do Brasil: Congregação Cristã e Assembleia de Deus, respectivamente. As duas denominações juntamente com outras igrejas protestantes (de migração e de missão<sup>6</sup>) já instaladas no país, advindas com a vinda da família real, passaram a ameaçar o monopólio religioso pertencente ao catolicismo. Porém não se rompeu automaticamente e com facilidade um traço cultural instituído por séculos, por causa da

---

<sup>2</sup> Cf. ELIADE, 2011, pp. 232 e sqs.

<sup>3</sup> Cf. JOHNSON, 2001, pp. 140, 141; 305-307.

<sup>4</sup> Metodismo Wesleyano foi um movimento iniciado por John Wesley, na Inglaterra, no século XVIII, com ênfase numa relação íntima do indivíduo com Deus, a partir da conversão pessoal, com uma vida baseada na ética e moral cristã.

<sup>5</sup> Também conhecido como movimento de santidade, que no cristianismo enfatiza a purificação dos pecados e da alma através da fé em Jesus Cristo.

<sup>6</sup> As primeiras igrejas protestantes a se instalarem no Brasil foram as de migração, que adentraram o país no início do século XIX. As protestantes de missão só chegaram na metade do mesmo século.

fixação de templos religiosos espalhados pelo extenso território brasileiro. Durante o período colonial, principalmente, era comum que a população brasileira fosse católica, a tal ponto que quem não professasse a fé católica poderia incorrer em um tipo de agressão à própria nacionalidade: o cristianismo católico era a religião nacional. Esse perfil religioso só foi mudando ao longo do século XX, quando começava a se questionar essa estrutura de coerção cultural, e as pessoas se sentiam mais livres para se proclamarem sem religião ou optarem por outras formas de pregação. Em 1872, os católicos brasileiros representavam 99,7% da população. Já em 2010, não passavam dos 64,6%. (JUNIOR, 2012).

O pentecostalismo primitivo caracteriza-se pelo forte ascetismo e sectarismo. Suas igrejas se apresentavam extremamente ortodoxas e rígidas, e os “prazeres mundanos” refreados incisivamente. Isso se dava principalmente pela crença de que o corpo purificado, ou seja, livre dos prazeres que o mundo proporcionava, propiciava uma purificação da alma. Essas igrejas clássicas, que reproduziam o próprio tradicionalismo norte americano, possuíam clara configuração eclesiástica e doutrinária.

Essa primeira onda pentecostal foi crescendo em países em desenvolvimento na África, Ásia e América Latina, contexto em que o Brasil se destaca, abrigando 42,3 milhões de evangélicos<sup>7</sup>.

A segunda onda pentecostal surgiu com as igrejas formadas na década de 50 trazidas por dois missionários norte americanos, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculados a *International church of the foursquare gospel*<sup>8</sup>. No Brasil eles fundaram, em São Paulo, a cruzada nacional de evangelização, com o foco na cura divina e a evangelização em massa. Posteriormente, em 1953, eles fundaram a igreja do evangelho quadrangular também no Estado de São Paulo.

Suas crenças eram difundidas principalmente através do rádio, o que contribuiu bastante para a expansão de suas ideias. A utilização de um meio de comunicação em massa era algo inédito, pois as igrejas pentecostais clássicas não usavam desse artifício ou de qualquer outro meio (nem mesmo jornais ou folhetos) por considerarem algo diabólico, o que se mantém ferrenhamente até hoje. Outros modos de evangelização utilizados por esse novo pentecostalismo, ainda feitos pelo “boca a boca”, mas em proporções maiores, aconteciam em estádios de futebol, praças públicas, teatros, cinema. Através da pregação sedutora alcançavam diversos fiéis e pastores, inclusive de outras denominações, além de pessoas dos estratos sociais mais pobres. Seus líderes eram acusados de aproveitadores e curandeiros,

---

<sup>7</sup> Dados IBGE, censo de 2010.

<sup>8</sup> Igreja evangelho quadrangular. Nos EUA, é considerada como igreja de primeira onda pentecostal.

provocavam reações adversas, mas foram os primeiros a ganhar visibilidade ao aparecerem na imprensa. Dentro desse crescimento, as igrejas pós-clássicas se ramificaram, marcadas pelo aparecimento de instituições com lideranças fortes e autônomas, como a Brasil para Cristo (São Paulo, 1955), Igreja Pentecostal da Bíblia (São Paulo, 1958), Deus é amor (São Paulo, 1962), entre outras. (MARIANO, 1999).

Seu principal foco proselitista, o da cura divina, foi o maior responsável pelo seu êxito na conversão, justamente por conta disso a maioria das igrejas ainda a mantém como principal estratégia tanto de conversão quanto de manutenção dos fiéis. Foi na segunda onda pentecostal que o pentecostalismo cresceu de forma vertiginosa em várias partes do mundo. Paralelo ao seu crescimento no Brasil, o aumento em outros países da América Latina, Ásia e África, também acontecia sem precedentes.

Quanto à teologia, a principal diferença está no cerne de conversão. Enquanto os primeiros pentecostais davam ênfase ao dom de línguas, os pentecostais da segunda onda destacavam a cura divina. Apesar de algumas diferenças, elas apresentavam relativas semelhanças teológicas, pois tiveram como base de sua teoria eclesial ensinamentos advindos de missionários estadunidenses, que obtiveram a mesma essência doutrinária dos missionários do primeiro pentecostalismo. A segunda onda pentecostal foi, portanto, uma segunda vinda do pentecostalismo clássico, com algumas distinções oriundas das inovações evangelísticas (cultos feitos em cinemas, teatros), ênfase na cura divina e no exorcismo. Mas que mantém o corpo teológico do pentecostalismo clássico.

## 2.2- Neopentecostalismo

A terceira onda pentecostal, ou neopentecostalismo, inicia-se na segunda metade dos anos 70, e se desenvolve durante os anos 80 e 90. As principais igrejas que surgiram nesse período foram a *Comunidade evangélica sara nossa terra* (1976), *Igreja universal do Reino de Deus* (1977), *Comunidade da graça* (1979), *Igreja internacional da graça de Deus* (1980) e *Cristo vive* (1986), *renascer em cristo* (1986) e *igreja nacional do senhor Jesus Cristo* (1994). (MARIANO, 1999).

O prefixo ‘neo’ de neopentecostalismo serve para designar essa nova vertente do pentecostalismo, de acordo com suas determinadas características observadas através de estudos, as igrejas que, portanto, seguem esses atributos, são enquadradas na definição prática, de neopentecostais. As igrejas neopentecostais possuem lideranças fortes e autônomas. Os cultos são entusiasmados, com gritos, dança, música, testemunho de outros fiéis e muito barulho, o que provoca reações psicológicas exageradas de seus adeptos. Além

disso, possuem rituais de exorcismo, com o objetivo de ‘expulsar’ os demônios que se alojam ou assolam a vida dos seguidores. É preciso também levar em conta que o neopentecostalismo é conhecido pelo abandono do sectarismo e ascetismo pentecostal, o que o afasta discrepantemente da sua vertente inicial. Mas a diferença principal se concerne no perfil empresarial que essas igrejas têm demonstrado, algumas se lançam no mercado e verdadeiramente obtêm fins lucrativos, com a venda de produtos e serviços em lojas especializadas.

O neopentecostalismo alcançou diversos países em desenvolvimento, assim como grandes metrópoles ocidentais, como Londres e Paris, “mas nenhum continente supera a América Latina, o caso mais extraordinário de crescimento pentecostal neste final de milênio” (MARIANO, 1999). O Brasil se destaca nesse contexto, abrigando o maior número de protestantes latino-americanos, são estes um pouco menos da metade dos cerca de 50 milhões de evangélicos<sup>9</sup> que se estima ter no continente.

Além do corte do tempo que separa as três ondas pentecostais, o neopentecostalismo se difere das outras duas vertentes pentecostais pela sua reconfiguração doutrinária, menos sectária e rígida, e pela sua adaptação e inclinação ao que até então, era considerado do “mundo” e, portanto, intocável. Cabe ressaltar, que nem todas as igrejas que surgiram após os anos 70, são necessariamente neopentecostais, assim como nem todas que surgiram antes deixam de se enquadrar nessa definição. Quanto mais liberal e inclinada a investir em outros campos, como a política, a mídia e a economia, mais caráter neopentecostal ela assumirá. O neopentecostalismo também não possui um corpo teológico homogêneo, apesar de similaridades, as denominações tem relativa autonomia para guiarem e seguirem suas orientações doutrinárias, da forma que considerarem convenientes. Apesar dessa relativa independência, as denominações que obtêm mais sucesso e agrado de massas em suas atribuições, acabam por influenciar outras designações, que abandonam suas práticas tradicionais.

Um dos pontos mais significantes da teologia neopentecostal é a teologia da prosperidade, que acredita na tendência do fiel em prosperar caso ele seja obediente aos ensinamentos bíblicos e um bom ofertante. “Essa teologia foi pensada por Kenneth Hagin, que a difundiu com outros líderes ministeriais dos EUA”. (MARIANO, 1999).

---

<sup>9</sup> O termo ‘evangélico’, na América Latina, engloba as denominações cristãs referentes as igrejas criadas com a reforma protestante na Europa (Luteranismo, Anglicanismo, Calvinismo), e as suas descendências (Assembléia de Deus, Deus é amor, Universal do reino de Deus).

### 3 ATUAÇÃO E TEOLOGIA DAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS

#### 3.1 Principais características do neopentecostalismo e sua respectiva teologia.

Enquanto as igrejas protestantes clássicas cresciam em ritmo desacelerado, desproporcional ao aumento populacional, a taxa de crescimento pentecostal crescia de forma vertiginosa. O primeiro censo demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a separar os pentecostais dos protestantes históricos ocorreu em 1980, quando pode se verificar que os protestantes históricos representavam, na época, 51% do protestantismo nacional. O censo seguinte, de 1991, com os dados liberados somente quatro anos depois, já indicava uma nova configuração, os pentecostais representavam 65,1% do protestantismo brasileiro. Em 1996, de acordo com uma pesquisa do datafolha, essa porcentagem já havia subido pra 76% do número total de evangélicos espalhados pelo país. O Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) contabilizou, através do censo institucional evangélico, realizado entre 1990 e 1992, que existiam em 13 municípios do Rio de Janeiro, 3.477 templos religiosos, onde 61% desses eram pentecostais. Neste mesmo período verificou-se a abertura de 710 templos registrados em cartório, enquanto, em contra partida, havia se registrado 204 templos kardecistas e apenas uma igreja católica. Diante dos dados, é possível notar que o aumento do número de evangélicos está intimamente ligado ao crescimento do pentecostalismo e o avanço de sua expansão física. “Segundo o IBGE, as maiores Igrejas evangélicas do Brasil são, pela ordem, *Assembleia de Deus, Igreja Batista e Congregação cristã.*” (REFKALEFSKY, 2012 p.32).

Os templos evangélicos existentes no Brasil, porém, não são distribuídos igualmente pelo território. Eles se concentram, principalmente, nas áreas periféricas e pobres dos centros urbanos, contexto em que se concentram os altos índices de analfabetismo, e as menores rendas *per capita*.

De acordo com Alvito (2012), quase um terço dos pentecostais vive em extrema pobreza. Além disso, esses fiéis estão entre os mais jovens de todas as religiões, e são, na maioria, mulheres, que são quase 20% mais numerosas que os homens. Nessas igrejas, a estimativa é a de que quase 70% dos frequentadores cursaram até o primeiro grau, e que a taxa de desempregados, que é de quase 10%, corresponde a uma média acima da nacional (PIERUCCI E PRANDI, 1996) “e que quanto à cor declarada, quase 60% dos pentecostais são negros (8,5%) e pardos (48,9%)” (ALVITO, 2012 p.27).

O pentecostalismo se multiplica, mormente, em regiões em que se sobrepõem o desemprego, a violência, o estigma da pobreza reforçado pelo senso comum e pelos meios de comunicação, o preconceito racial e/ou étnico, a ausência ou precariedade de serviços públicos, inclusive de segurança e proteção, e a efemeridade das moradias. Sob tais condições, de consternação e descrédito, o estrato mais baixo da sociedade, escuro, marginalizado, sofrido, com menos escolaridade e que mais padece com o descaso público, procura, voluntariamente, nas igrejas pentecostais, uma solução para a falta de alento a que estão condicionados. Nesses locais, pode se encontrar receptividade, apoio e ajuda moral, e até mesmo material.

A pobreza, porém, somente, não dá conta de explicar a intensa propagação do protestantismo, nem as razões pelas quais elas crescem de modo desigual. Estudos aprofundados sobre o assunto, ainda precisam ser realizados (MARIANO, 1999, p.15).

No universo cristão existe uma oposição entre a 'igreja' e o "mundo". O "mundo" seria um espaço ruim, lugar da violência, dor, tristeza, nesse ambiente se concentra todo o mal e sofrimento. Na visão pentecostal isso se acirra ainda mais e se perfaz num antagonismo simples e radical entre o bem e o mal. De acordo com a visão compartilhada pelos evangélicos, aqueles que se submetem a esse espaço estão fadados à penúria, tendo como única e exclusiva salvação a conversão a Deus e aos valores morais determinados pela sua respectiva religião e igrejas, representante dos preceitos de Deus na terra. Os que não pertencem a alguma igreja evangélica e não seguem seus dogmas, são considerados do "mundo" e chamados, pejorativamente de "mundanos". Essa visão hostil acaba por segregar e inferiorizar aqueles que, pelos mais diversos motivos, não frequentam ou não adotam para si os valores admitidos pelo evangelismo. Quem governa o "mundo" é o "diabo", personagem central e responsável pelo mal existente no "mundo". Sua figura é exaustivamente comentada e evocada para tratar das dificuldades e tragédias existentes nesse espaço, e que podem acometer, inclusive, os fiéis, na tentativa de desviá-los do caminho do bem, ou seja, do caminho de Deus. Deus, mesmo considerado o ser mais poderoso e controlador de tudo, seria permissivo em relação aos acontecimentos do "mundo", sua representação santa se daria dentro da igreja, espaço físico com a presença de um corpo de fiéis e um pastor, efígie de Deus na terra, e que guia toda a comunidade que a frequenta pelos bons caminhos. A figura de Deus e a do diabo travam um conflito intenso e maniqueísta entre o "bem" e o "mal",

representando o diabo o “mundo” e seus males, e Deus tudo o que há de benéfico, mas só para aqueles que o aceitam e são leais a seus mandamentos. Tal visão fortemente difundida provoca uma ideia de eventual segurança e conforto trazida pela igreja. Muitas pessoas são atraídas, principalmente, pela promessa de uma vida nova, livre da dor e do sofrimento constante, desde que elas abdicuem de uma vida de pecados viabilizada pelo “mundo”. A *igreja universal do reino de Deus*, por exemplo, utiliza de um artifício apelativo para a atração de fiéis, que é o seguinte: em frente à maioria de seus templos religiosos se encontra uma placa com a mensagem “pare de sofrer”, o que se configura num convite à participação dos cultos e o que ali vai ser tratado, e seus respectivos dias e horários. Além disso, nas suas cerimônias e ações missionárias são abordados assuntos de grande relevância e problemática social, como o uso de drogas, a violência urbana, prostituição e alcoolismo, além de problemas pessoais ligados ao casamento, vida familiar, entre outros, com quais muitas pessoas se identificam. A igreja, portanto, funcionaria como uma salvação eficiente e tranquilizadora dos problemas acarretados inerentemente pela vivência individual e coletiva dos seres humanos.

A igreja formada pelo grupo de fiéis também atua como uma rede de proteção coletiva, com o auxílio mútuo social, psicológico e até material. Internalizam-se todos os tipos de laços, entre amigos, familiares e até amorosos. Os namoros e casamentos geralmente acontecem com pessoas que sejam da mesma religião e compartilham dos mesmos ideais. Além disso, os fiéis conseguem emprego uns para os outros e dividem suas mais variadas experiências, solidificando ainda mais os laços internos. Alguns teólogos, como Ubirajara Calmon Carvalho, professor da UnB, associam o crescimento das igrejas evangélicas à criação de redes acolhedoras em um ambiente social hostil, através, principalmente, de um discurso popular voltado para as necessidades locais.

Em áreas degradadas e estigmatizadas, pertencer a uma igreja evangélica eleva o status do fiel perante seus vizinhos e mesmo diante dos empregadores, aumentando a possibilidade de ascensão profissional e relativo sucesso financeiro. (ALVITO, 2008)

Isso acontece, pois outro traço importante pertencente à maioria das igrejas neopentecostais é a teologia da prosperidade, que prevê relativo enriquecimento aos fiéis que são generosos em seus dízimos e ofertas e que são devotos aos mandamentos religiosos.

Os cultos são diários e com programações diferentes, em um dia trata-se de um culto reservado à família, em outro dia um culto circunspeto voltado para a renovação espiritual, noutro dia acontece uma sessão do descarrego, uma espécie de ‘limpeza’ que livra o fiel dos pecados e males existentes no “mundo”, o leque de programas é variado, com o intuito de se fazer presente em todos os aspectos da vida do cristão, proporcionando-lhe rendição completa. Mas nem toda liturgia é limitada ao tradicionalismo religioso, como o estudo bíblico e as orações, por exemplo, as cerimônias realizadas pelos descendentes do pentecostalismo são verdadeiras festas, travestidas de uma diversão inocente – sem o consumo de bebidas alcoólicas e drogas, e sem sexo. Essas igrejas fomentam um lado mais atrativo, que seduz e incita a entrada e permanência dos fiéis, principalmente dos jovens. Com a sua flexibilidade, as igrejas neopentecostais, atualmente se firmaram como donas de uma expressiva indústria gospel e produtoras de uma nova configuração cultural brasileira.

### 3.2 Neopentecostalismo e cultura, política.

Tradicionalmente, o pentecostalismo não incorporava para si elementos políticos, econômicos e culturais. No que tange à cultura era inconcebível dirigir-se a um culto para dançar, imitando coreografias consideradas até então “profanas”, e cantar ao som de bandas de rock, funk, samba evangélicos. “Na esteira da transformação e assimilação cultural, bailes funk, rodas de samba e pagodes de Jesus começam a pipocar e atrair multidões”. (MELO, 2008) Mais impensável ainda é que isso se expandisse, e os shows deixassem de se concentrar na igreja, ou espaços relativos a ela, e acontecessem em estádios de futebol e casas de show privadas, aonde também se apresentavam grupos não gospels. Essa flexibilização da doutrina religiosa segue uma tendência de adaptação às necessidades sociais e específicas de uma localidade e um grupo. Como uma forma de conversar e acolher o maior número de fiéis, o neopentecostalismo adaptou seus dogmas antes rígidos e sectários a uma doutrina menos ortodoxa. Essa readaptação é legitimada sobre o discurso de que os vários ritmos musicais são obras de Deus, e que o mundo e o diabo é quem os copia e se apropria para um uso inadequado. Essa nova formulação musical, que através dos mais variados ritmos possibilita a criação de letras que fazem alusão a características cristãs se espalhou pelo Brasil, utilizando para si as culturas relativas a cada região; no nordeste reina o forró arrasta-pés, na região centro-oeste em ode ao Senhor as canções sertanejas, na região sudeste o funk e o samba entoado para Cristo, tudo isso, principalmente, nas regiões mais pobres. “Um sucesso que dá lucro: o mercado gospel movimenta cerca de R\$ 12 bilhões por ano, sendo 10% apenas com a indústria musical”. (MELO, 2012)

Essa malemolência do neopentecostalismo, porém, tem imprimido uma competitividade não só entre os templos e denominações que essencialmente façam parte dessa mesma vertente, mas também entre igrejas de outras religiões, cristãs ou não. As igrejas católicas, por exemplo, têm se mobilizado para abarcar novos modos de evangelização, usando meios de comunicação e um forte carismatismo. Os terreiros de religião espírita não kardecista também vêm sendo reduzidos pelo Brasil inteiro devido a forte conversão de mães e pais de santo, a disputa territorial, e a hostilidade a quem está submetido tal grupo religioso. Especificamente no caso dos cultos afro-brasileiros, os neopentecostais combatem incessantemente sua presença e suas práticas, com uma difusão de ideias e termos depreciativos, como magia negra e feitiçaria. Cabe ressaltar que muitas práticas incorporadas em igrejas cristãs são de origem afro-brasileira, mas ao serem introduzidas em cultos cristãos recebem um caráter “positivo” e invertido. A visão dicotômica dos neopentecostais não é nada respeitosa com outras religiões, principalmente as afro-brasileiras, que são um importante patrimônio cultural brasileiro, além disso, o cristianismo é responsável por criar e prover medidas que reforcem um senso comum que agride, inferioriza e segrega essas religiões. “Frente a essa visão de mundo, a invenção de formas de conveniência pacífica entre diferentes religiões – em respeito à lei brasileira – será um desafio cada dia mais importante pra todos nós”. (ALVITO, 2012 p.29). As trocas culturais, porém não se restringem à música, dança, ou qualquer área de espetáculo, elas vêm alcançando setores da sociedade como a economia e a política. Na política, a formação de uma bancada evangélica no congresso, afirma sua intervenção e influência na formação moral rígida e legislativa do país.

“Até o final da década de 1970, os pentecostais, de modo geral, eram vistos como apolíticos” (MARIANO, 2012 p.30). Já em 1980, com a redemocratização, os pentecostais desejavam participar da redação na nova constituição, o que fez com que alguns religiosos lançassem suas candidaturas políticas e, conseqüentemente, contassem com o apoio dos fiéis, adotando como lema: “irmão vota em irmão” (MARIANO, 2012). Sob a ode de defesa da moral cristã, esses religiosos alegavam sua tentativa de inserção política como um meio de proteger, através da criação de mecanismos legais, a família, a liberdade religiosa e os interesses próprios de suas igrejas, além de baseado nessa mesma moral cristã, impedir determinadas propostas e criações de leis que se opusessem aos preceitos cristãos, e fossem moralmente condenáveis por eles. A moral social é essencialmente baseada na moral cristã e internalizada socialmente, mesmo que não seja possível identificá-la com tanta clareza, e por

isso é tão intrínseco na sociedade a condenação ao aborto ou à união homossexual<sup>10</sup>, por exemplo. Isso possui ligação direta com a interpretação bíblica do que é certo ou errado. Isso possui ligação direta com a interpretação bíblica do que é certo ou errado, levando em conta que ela estabelece uma conduta que deve ser adotada por todos que queiram alcançar a salvação eterna localizada fora do corpo e fora do mundo, pois só Jesus é “o caminho, e a verdade e a vida” (J 14:6), todo o resto é, portanto, descaminho, falsidade e morte.

“Esse estímulo obteve efeito: enquanto em 1982 havia apenas dois deputados federais, em 1986 esse número havia saltado para 18, sendo 13 deles da *Assembleia de Deus*”. (MARIANO, 2012 p.30). Somente a partir dessa última data que os pentecostais assumiram o protagonismo político entre os evangélicos, e desbancaram outras denominações protestantes que, somados, elegeram menos políticos que os pentecostais sozinhos. Entre os anos de 1986 e 2010, o número de evangélicos na câmara mais que dobrou, acompanhando o crescimento demográfico e institucional do pentecostalismo. Em 2005, o fundador da igreja Universal do reino de Deus, bispo Edir Macedo, criou o partido PRB, que reelegeu o senador Marcelo Crivella em 2010, e o nomeou dois anos depois a ministro da pesca.

A frente parlamentar evangélica, criada em 2003, conta com uma grande heterogeneidade partidária e denominacional, representando uma defesa unificada de partidos que apresentam interesses em comum, sua coesão ocorre em casos que envolvam a defesa da moral cristã tradicional e de interesses materiais e institucionais de suas igrejas. A maioria dos parlamentares evangélicos são filiados à FPE, são estes do partido social cristãos (PSC), do partido republicano brasileiro (PRB) e do partido da república (PR). Além disso, existem no congresso outros partidos políticos de caráter cristão, como o partido trabalhista cristão (PTC) e o partido social democrata cristão (PSDC). Existem também pedidos de reconhecimento do partido cristão (PC), partido cristão nacional (PCN) e partido progressista cristão (PPC), que ainda não atuam, pois não alcançaram o número necessário de apoiadores. Outros partidos, apesar de não se firmarem como partidos cristãos possuem membros ou fundadores aspirantes de alguma igreja pentecostal. É o caso, por exemplo, do fundador do partido ecológico nacional (PEN), Adilson Barroso, que é um líder influente da *Assembléia de Deus*, e o caso do fundador e presidente do Partido da República e Ordem Social (PROS), o evangélico Eurípedes Júnior, filho de uma pastora.

---

<sup>10</sup> “Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus”. (Cor 10:9)

Atualmente o ativismo eleitoral e partidário, de caráter conservador, sectário e fundamentalista, ordena grande influência nos rumos da democracia e da política brasileira, mesmo se tratando de país constitucionalmente laico. Por todo o Brasil, os partidos políticos cristãos conquistam os votos de fiéis – uma maioria sem grande noção de política, questionamento ou posicionamento político - simplesmente pelo seu envolvimento religioso. Esse ganho de votos é conquistado também com o apoio, orientação e ministração pastoral, contexto no qual muitos desses pastores possuem íntima e estreita relação com parlamentares políticos, isso acaba por formar verdadeiros currais eleitorais com fiéis obedientes e acríticos. Porém, nem todos gostam dessa mistura de religião e política, e votam em candidatos pelos seus reais objetivos e ideais e não necessariamente pela sua representação religiosa. “A congregação cristã no Brasil e a igreja *Deus é amor*, por exemplo, abrigam 12% dos pentecostais e permanecem apolíticas” (MARIANO, 2010). Além disso, denominações tradicionais também não se lançam e nem apoiam oficialmente determinados candidatos políticos. Mas esta não é a realidade da maioria das igrejas pentecostais e neopentecostais, que são as vertentes religiosas que mais crescem no país, também alcançando outras esferas sociais. Além da política, os neopentecostais conquistaram grande espaço na mídia, e através de meios de comunicação como rádio e TV, garantem uma maior expansão e consequentemente o ganho de fiéis.

Somente na segunda onda pentecostal que o tradicionalismo e o modo restrito de evangelização dentro das igrejas, ou com pequenas ações missionárias descendentes do pentecostalismo clássico, foram parcialmente mudado. Já se utilizava nessa época, ainda que timidamente, a rádio como meio de propaganda e difusão de ideias, e também a pregação em locais públicos e de grande movimentação. Isso só fez crescer e se aprimorar, assim como a expansão demográfica dos pentecostais e a propagação de seus templos religiosos. Atualmente, o neopentecostalismo cresce desenfreadamente não só no Brasil, como no mundo inteiro, as estratégias de expansão variam: vai desde a mais clássica, oriunda da primeira onda pentecostal, que utiliza da conversação pessoal, até a utilização de meios de comunicação em massa, que contam com altos investimentos midiáticos e a criação de megatemplos que demandam alto giro de capital. Por mais que a mídia seja uma importante auxiliadora na disseminação do neopentecostalismo, a estratégia evangelizadora pessoal, pautada no boca a boca ainda é uma forma muito bem sucedida de ganhar devotos, trata-se da instalação de “pequenas igrejas espalhadas, principalmente, por comunidades carentes e áreas periféricas, ou apenas pequenos núcleos de evangelização ou subcongregações sem templos”

(REFKALEFSKY, 2012). A participação dos fiéis e a cobrança de uma evangelização com bom resultado é constante, nos próprios cultos são declamados pregações, com o uso de passagens bíblicas, que indicam e afirmam a importância de ganhar seguidores. Além disso, existe outra importante estratégia missionária que se mostra igualmente eficiente e gera fortes e duradouros vínculos entre os convertidos e as instituições religiosas, essa tática é fruto de uma estrutura congregacional descentralizada, quando em igrejas pequenas, que torna o próprio membro responsável pelo bom funcionamento e o possibilita de se tornar, além de convertido, um agente evangelizador. Essas “missões” não contam com apoio midiático, e às vezes nem templos, mas sim concentram a sua atuação isolada na mão de missionários, que por vezes chegam a viajar sozinho com suas famílias para o exterior e lugares longínquos.

Inicialmente, a técnica midiática por sua vez limitava o poder de ação dos fiéis, restringindo seu papel à assistência dos cultos e à contribuição com dízimos, ofertas e compras de produtos. Isso tem se modificado parcialmente, e, atualmente, já é possível que o fiel tenha uma participação no programa e uma interação mais ativa. Isso acontece principalmente através de telefonemas e e-mails, em que é permitido que o ouvinte ligue, conte sua história, peça conselhos e tenha como retribuição alguma ajuda factual e a promessa de orações. A evangelização é feita sem restrições a um grupo específico, e se aceita nos cultos a presença de qualquer indivíduo pertencente ou não a outras religiões.

## 4 TIPOLOGIA EMPRESARIAL DO NEOPENTECOSTALISMO

### 4.1 Principais características mercadológicas.

Um dos motivos que deve se observar, e que justifica o crescimento vertiginoso de as igrejas neopentecostais serem constantemente procuradas e obterem grande sucesso entre os seus seguidores, é a proposta que ela concebe de resolução imediata de problemas e conflitos vividos. A crença pregada de que o adepto doando-se inteiramente para a igreja e seus exercícios será recompensado em sua vida pessoal e social, provoca no fiel uma aberta vontade de se dedicar e seguir a risca os mandamentos e preceitos designados. Usando como base a teologia da prosperidade e a promessa de uma proteção, inclusive após a morte, vinda de um ser divino e que está acima de todas as coisas, os pastores confortam o fiel e se estabelece uma peça chave para a manutenção e desenvolvimento das igrejas e suas atividades. Em face ao perfil empreendedor que as igrejas neopentecostais adotam, por necessidade de expansão e aperfeiçoamento de suas funções, possibilitar que os seus membros obtenham êxito em suas vidas se tornou uma mercadoria, e supervalorizada.

Desde os primórdios do protestantismo, vertente religiosa que deu origem ao pentecostalismo, algumas de suas ações já eram associadas à acumulação capitalista. De acordo com Weber, o protestantismo calvinista pregava que os homens já nasciam predestinados à salvação, ou não, sendo qualquer tentativa de reverter isso, falha. Mas alguns indícios assinalavam a certeza da salvação destinada a seletos homens. Um desses sinais era a facilidade e propensão de um indivíduo enriquecer e aglomerar capital. Se em contrapartida, a igreja católica condenava a acumulação de bens e riquezas por parte de seus seguidores, o protestantismo aplaudia e venerava aqueles que eram capazes de tal feito. “Devemos exortar todos os cristãos a ganhar tudo o que for possível, e a economizar o máximo possível, isto é, em outras palavras, a se enriquecerem.” (WEBER, 1974 p.231). A associação do protestantismo calvinista, assim como o protestantismo em geral, com o neopentecostalismo e a teologia da prosperidade difundida por ela não acontece diretamente, pois o corte temporal entre as duas vertentes é enorme. Mas cabe ressaltar a influência que os protestantes históricos, primeiro grupo religioso a se opor ao catolicismo, tiveram sobre os pentecostais.

O dízimo que, originalmente, era entregue à igreja para a sua manutenção tinha esse nome porque representava a décima parte de tudo o que o fiel ganhava. Isso seria o suficiente tanto para a manutenção da igreja quanto para a sobrevivência do fiel, já que lhe restaria 90% de tudo o que ele produzisse. Vemos, no entanto, nas igrejas neopentecostais que a palavra dízimo vem tendo seu propósito deturpado, já que não visa mais a mera manutenção da igreja,

nem leva em conta a saúde financeira do fiel, pois os pastores atrelam a maior oferta a uma maior “graça” recebida, o que faz com que alguns fiéis entreguem mais do que podem, com a esperança de uma maior “benção”.

O modo de produção capitalista exerce uma forte pressão sobre a sociedade em todos os seus setores, inclusive a economia, como forma de manutenção de seu sistema complexo e coercitivo. Diante disso, as mais diversas organizações tendem a se inclinar pra uma busca desenfreada de geração de capital, eficiência e estabilidade econômica; as instituições religiosas não têm fugido disso. A organização administrativa, com metas, profissionalização dos eclesiásticos e uma hierarquia estabelecida, além das estratégias de marketing e persuasão e o uso de meios de comunicação de grande alcance, caracterizam algumas das ferramentas utilizadas pelas igrejas neopentecostais.

As igrejas tem se apresentado como empresas na medida em que se manifestam similarmente a organizações que se reconhecem e se afirmam como empresas. Assim como estas, as igrejas neopentecostais são organizações privadas, onde se permite produzir ou vender produtos e todo o resultado dessa produção pertencer a apenas uma única pessoa ou a um grupo de indivíduos.

O trabalho do pastor e bispo não é totalmente voluntário, pois eles são escolhidos entre os fiéis e veem como obrigação religiosa atender a essa escolha. Como se requer dedicação total e exclusiva à atividade pastoreia, estes ganham de acordo com o seu desempenho individual e de arrecadação.

O alto escalão da igreja cobra implacavelmente dos pastores metas de arrecadação, premiando e punindo conforme os resultados. Justino<sup>11</sup> descreve um clima quase obsessivo por superar estas metas, assim como uma grande tensão dentro da organização. (EREFKALEFSKY, 2004 p.79).

Outro ponto a se relevar é que, assim como dentro de uma empresa, o trabalho dentro das corporações religiosas é fragmentado e hierarquizado. Contexto no qual as funções e tarefas cabíveis a cada setor são bem demarcadas. Os exercícios não são designados igualmente, sendo eles impostos a uma condição de estratificação organizacional. Assim como empresas, as igrejas também possuem o ofício da contabilidade e esquemas de organização que operam pra um bom funcionamento organizacional.

---

<sup>11</sup> JUSTINO, Mário. Nos bastidores do Reino. São Paulo: geração editorial, 1997.

O dízimo, como dito, teve seu objetivo deturpado de modo a permitir uma tendência de cobrar do fiel uma contribuição maior, associando-a uma maior benção. *A igreja universal do Reino de Deus*, por exemplo, tem um projeto chamado “fogueira santa”, quando se cobra do fiel, independentemente de ele ser membro assíduo da igreja ou não, o máximo que puder ser doado por ele. Mesmo que para isso ele tenha que doar abdicando de outros gastos necessários, e muitas vezes de sobrevivência. A promessa de uma recompensa próspera, tanto na vida financeira, quanto nos problemas pessoais vividos por esse indivíduo, torna-se o melhor incentivo para o cristão, além de transmitir a ideia de um bom investimento. Nesses discursos, reforça-se a ideia de que é necessário que o indivíduo se esforce o máximo possível para conseguir os donativos, e que este esforço retornará em forma de “bênçãos”, ou seja, quanto maior o sacrifício, maior o retorno.

Outro ponto notável é a preparação e treinamento que recebem o corpo de pastores e bispos, se antes o critério para a escolha clerical baseava-se numa suposta aptidão que o indivíduo deveria ter e que ele era revelado por Deus, hoje a qualificação do membro tem sido o fator determinante para a sua escolha. Mesmo ainda se levando em consideração o comprometimento demonstrado com os interesses religiosos, até porque faz parte do contexto que se tenha familiaridade com as questões religiosas, o principal critério é a qualificação externa ou aprendida em centros de treinamento especializados, que coloca o homem como profissional.

Além disso, as igrejas são instituições jurídicas e todas precisam ser legalizadas. É o caso das maiores e mais influentes igrejas.

A análise da dimensão “legalidade” é feita com base na identificação de elementos formais, decorrentes da personalidade jurídica da igreja (...). Todas elas são legalmente constituídas juntas ao cadastro nacional de pessoas jurídicas – CNPJ, sob os termos de sociedades civis religiosas sem fins lucrativos. Terminologia que lhes confere, por determinação da constituição federal, isenção no pagamento de impostos. (GONÇALVES, 2007 p.9,10).

A linguagem utilizada, verbal e corporal, assim como o tom em que se é utilizada as falas e a movimentação corporal também se caracterizam como estratégias de marketing, à medida que funcionam com o objetivo de provocar no público-alvo o desejo de adquirir os produtos e serviços prestados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O neopentecostalismo, atualmente, é a vertente religiosa que mais cresce no Brasil. Igualmente ao seu crescimento físico e populacional, cresce seu poder de influência, com a utilização de meios midiáticos, fortes estratégias de conversão e sua inserção nos mais diversos campos presentes na sociedade.

È notório que as igrejas neopentecostais se mostram verdadeiros refúgios para as pessoas que são de alguma forma, desamparadas. Muitas vezes esse abandono vem do próprio Estado, como já foi mencionado, que falha na atenção, na proteção e na obrigação de conceder direitos civis. Além disso, trata-se na maioria das vezes de pessoas também desestabilizadas em sua vida pessoal, e que procura nessas instituições religiosas um lugar acolhedor e tranquilizante. Igualmente, é importante que se estabeleça um limite a atuação dessas igrejas em outras esferas sociais, como a política, principalmente ao se tratarmos de países, como o Brasil, sem uma religião constitucionalmente definida, de modo a não comprometer a laicidade do Estado. Apesar de sua existência e trabalho conter pontos consideravelmente positivos, essas igrejas, por muitas vezes, são inóspitas com outras religiões, e até mesmo com aqueles que não aderem aos seus preceitos.

Outro ponto a ser discutido é a transformação dessas igrejas em empresas, com a utilização maciça de marketing, presente em discursos, tanto nos templos quanto através dos meios de comunicação, como rádio e TV. Deve-se levar em consideração, que legalmente essas igrejas são cadastradas como instituições religiosas, sem fins lucrativos, e que, portanto, ficam isentas de impostos. Mas a questão, atualmente, das igrejas neopentecostais serem instituições apenas de cunho religioso virou uma retórica, na prática elas vêm se apresentando como organizações, ainda que religiosas também empresariais.

É relevante, portanto, mesmo considerando seu bom trabalho nas mais diversas áreas, fazer com o que se reconheça seu devido espaço, sem o detrimento da liberdade alheia, seja de qualquer outra instituição ou de algum indivíduo.

## 7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVITO, Marcos. **Nós contra o mundo**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, n° 87, Dez. 2012
- BÍBLIA. Almeida Corrigida e Revisada Fiel. Disponível em [www.bibliaonline.com.br/acf/jo/14](http://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/14). Consultada em 05/03/2014.
- BRUNO, Ballardini. **Jesus lava mais branco - Como a Igreja inventou o marketing**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Cultura, liderança e recrutamento em organizações religiosas – O caso da igreja Universal do Reino de Deus**. Organizações em contexto, Rio de Janeiro, Ano 2, n. 3, Junho, 2006.
- CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2000.
- CUNHA, Christina. **Religiões em movimento: Subjetividade e fronteiras no cenário religioso brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006
- ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas vol. III**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- EREFKALEFSKY, Eduardo. **Estratégia de comunicação e posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo do marketing religioso**. (tese) Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- GONÇALVES, Julio Cesar de Santana. **A empresarização do sagrado: Um estudo sobre a estruturação de igrejas protestantes brasileiras**. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM), Campo Largo, v. 6, n. 2, Nov.2007
- JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- JUNIOR, Orivaldo. **Multiplicação sem milagres**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, n° 87, Dez. 2012
- KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação: contribuição para o estudo do conceito marxista de alienação**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: Adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar**. Campinas: editora autores associados/ ANPOCS, 1996
- MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARIANO, Ricardo. **Deus é voto**. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, n° 87, Dez. 2012

- MARIANO, Ricardo. **Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais.** Civitas, Porto Alegre, v. 3, nº 1, jun. 2003
- MARINO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: editora Loyola, 1999.
- MELO, Alice. **No ritmo de Jesus.** In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, nº 87, Dez. 2012
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos.** São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa, VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2002.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- REFKALEFSKY, Eduardo. Estratégia de comunicação e posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: Um estudo do marketing religioso. Rio de Janeiro, 2004.
- REFKALEFSKY, Eduardo. **Jeitinho evangelizador.** . In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, nº 87, Dez. 2012
- WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo in Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.